

# O NORTE DO DISTRITO

QUINZENÁRIO NACIONALISTA

— Defensor dos interesses dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria —

Avença

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: A. Paula Santos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AV. PADRE DIOGO VASCONCELOS — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS — CASTANHEIRA DE PÊRA — TELEFONE 16

## Castanheira de Pêra

— TERCEIRO CENTRO INDUSTRIAL DE LANIFÍCIOS DO PAÍS —  
precisa duma Escola Técnica

A ideia não é nova, nem é nossa.

Já a vimos agitar nas colunas do Jornal «O Castanheirense», por mais do que uma vez, e é possível que tenha ultrapassado os domínios da Imprensa regionalista.

As ideias, porém, só por si e mesmo quando agitadas, como esta já o foi, são impotentes para a execução duma obra. Valem como ponto de partida; divulgadas pela Imprensa alcançam, por vezes, o aliciamento de grande parte dos leitores. Mas, sendo já muito conseguir-se interessar o meio restrito, onde se vive, e criar entusiastas fora dessas barreiras, no caso em questão, é pouco, quase nada!

É conveniente, de facto, fazer-se interessar um grande número de pessoas na comunhão dessa ideia; mas, imediatamente depois, temos de passar dos simples interessados aos fervorosos adeptos que, por seu turno, irão procurar e formar outros tantos amigos e divulgadores entusiastas da obra pretendida.

É preciso congregar vontades dispersas, reunir esforços notáveis que, por isolados, se nos revelam improficuos.

É imprescindível a colaboração de todas as forças vivas do meio.

Necessário é, também, elaborar detalhada exposição do que temos em mente alcançar e da forma por que nos parece mais viável o seu alcance. Ver bem todos os escaninhos dos «contras», para bem sabermos defender o nosso ponto de vista e podermos converter todos os obstáculos, contrários ao deferimento da pretensão, em tantos outros «prós» que contem, e em elevado grau.

Desde que às instâncias superiores seja presente o resultado de todas estas diligências, expresso numa análise circunstanciada e rigorosa do valor industrial de Castanheira de Pêra, número de pessoas que vivem da indústria e dificuldades existentes quanto à melhoria do nível profissional, por falta duma Escola Técnica, o Governo da Nação mandará, imediatamente, proceder ao estudo do problema exposto e não deixará de lhe mandar dar a solução que venha a ser reconhecida mais conveniente.

Castanheira de Pêra não dispõe de qualquer estabelecimento de ensino, além das Escolas Primárias. O ritmo das suas fábricas não se pode compadecer com as experiências do trabalho, no próprio local de trabalho. O nível profissional dos seus operários, do mais humilde ao de maior especialização, como dos seus técnicos, tem de acompanhar o progresso constante da técnica, na sua marcha revolucionária dos nossos dias.

Esses trabalhadores não dispõem do meio formativo próprio. Urge, pois, criá-lo, sob pena de todos nós contribuirmos, passivamente, para o atrofamento dessa indústria, para a perda duma riqueza importante para a região e País, ruína dos capitais interessados e miséria dos lares que vivem à sua beira.

Julgamos ser este o momento mais propício para alcançarmos o fim em vista. Poucas oportunidades haverá, para que a ideia crie raízes, ganhe forma e frutifique, como a que estamos vivendo. Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Economia é filho muito ilustre e dedicado de Castanheira de Pêra; Sua Ex.<sup>a</sup> o Subsecretário de Estado do Exército é devotado Castanheirense pelo coração. Ambos são Deputados da Nação, na actual Legislatura, como o figueirense Dr. Ernesto Lacerda; e, todos eles, são infatigáveis defensores dos interesses e aspirações da nossa região.

Suas Ex.<sup>as</sup> estarão a nosso lado, temos a certeza. Connosco alinharão na campanha que temos a travar.

Passemos, pois, do vago campo da ideia ao do combate definido. Combate enérgico, sem tréguas; mas franco, leal e sempre digno, como é timbre do nosso povo.

E Castanheira de Pêra terá a sua Escola Técnica, como precisa e bem merece.

A. Paula Santos

Ainda o falecimento do nosso amigo, Sr. Políbio Fernandes das Neves.

Foi-nos impossível fazer a revisão das provas respeitantes à notícia constante do número anterior.

Por esta razão, não veio publicado o nome da Sr.<sup>a</sup> D. Lúcia Fernandes das Neves Vitor, irmã do saudoso falecido, e que, por lapso, deixou de ser composto.

As nossas desculpas, portanto, pela falta cometida.

### Estrada das Chãs ao Corisco

Começaram os trabalhos desta estrada municipal que, presentemente, já chega ao Casal dos Ferreiros, Passa pela Aldeia Fundeira das Bairradas e há-de vir a ser uma das mais movimentadas da região.

A população beneficiada por este importante melhoramento não esconde a alegria que sente, nem regateia os seus agradecimentos à nossa Câmara, que, de facto, bem os merece.

### 1.º DE DEZEMBRO

A data gloriosa da Restauração da independência de Portugal foi, mais uma vez, comemorada solenemente na nossa vila e concelho.

Nas Escolas primárias houve palestras alusivas ao dia de festa da Mocidade Portuguesa.

A Escola Secundária Municipal, cujo programa das comemorações englobava uma palestra pelo Subdelegado Regional da M. P., Sr. Dr. Sérgio dos Reis, e um Sarau promovido pelos seus alunos, transferiu para o dia 7 passado a sua festa, por motivo que é do conhecimento geral.

Pelas 21 horas daquele dia, no salão do Clube Figueirense, realizou-se o referido sarau, perante numerosíssima assistência de todas as categorias sociais. Em primeiro lugar, o Sr. Dr. Sérgio dos Reis proferiu uma brilhantíssima lição de História Pátria, evocando todos os antecedentes do domínio castelhano, período de tempo em que Portugal viveu sob o jugo estrangeiro e os obreiros principais da eclosão do movimento do 1.º de Dezembro de 1640.

Foi muito aplaudido.

A seguir, o Grupo Coral da Escola, sob a regência do seu ilustre Director, interpretou vários números do nosso folclore e os hinos da Restauração e da M. P.

O resto do programa foi preenchido com recitativos e o desempenho de quatro peças cómicas, em que colaboraram quase todos os alunos.

No início da segunda parte do espectáculo, o aluno do 5.º ano, Jorge Baeta Morais, leu um discurso de sua autoria relativo à data que se comemorava, sendo muito apreciado o seu trabalho.

Todos os intérpretes dos diversos números do extenso programa foram, também, muito aplaudidos.

Felicitemos o ilustre Director da Escola Secundária e Subdelegado da M. P. e seus colaboradores, Professores Padre José Saraiva e Paula Santos, pelo brilhantismo que souberam imprimir àquela festa de exaltação patriótica.

### Dr. Acácio de Paiva

Vai ser nomeado Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém o nosso Ilustre Amigo, Sr. Dr. Acácio de Paiva, antigo Governador Civil do nosso Distrito.

Endereçamos-lhe os nossos cumprimentos pela distinção de que foi alvo, ao mesmo tempo que felicitamos os munícipes daquele concelho, cujos destinos ficarão entregues a quem por eles se há-de empenhar, no anseio constante de elevar e dignificar os seus já reconhecidos créditos.

### Dia da Padroeira

O dia da Imaculada Conceição foi celebrado nesta vila com uma missa cantada e sermão, pregado pelo Rev.º Padre José Saraiva.

A guarda de honra ao altar-mor foi prestada por uma força da Legião Portuguesa.

Terminada a missa, foi feita a consagração das mães portuguesas à Virgem Nossa Senhora, seguindo-se a bênção do Santíssimo Sacramento.

### PONTE DE ALGE

Embora a Câmara Municipal do nosso concelho tenha exposto superiormente as providências que urge adoptar quanto à reparação dos estragos causados pelas chuvas torrenciais caídas sobre a região de Campelo, no mês de Outubro último, e aguarde a concessão do subsídio preciso para tanto, na última reunião ordinária deliberou mandar proceder, imediatamente, à construção da Ponte de Alge, reconhecida que é a urgência de semelhantes trabalhos.

### Mário Firmino

Acompanhado por sua esposa e filhinhos, esteve entre nós, durante três dias, o nosso estimado amigo, Sr. Mário Firmino, considerado Subgerente da Filial do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Castelo Branco.

### SEMANA DA MÃE

Para entrega do prémio atribuído pela Obra das Mães pela Educação Nacional à família mais numerosa do nosso Distrito, no valor de dois mil e quinhentos escudos, realizou-se no passado domingo, pelas 12 horas, no salão nobre da Câmara, uma sessão solene que reuniu grande assistência, com predomínio do elemento feminino.

O Sr. Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado, ilustre Presidente do Município, tomou o lugar de honra na mesa da presidência, ladeado pelas Sr.<sup>as</sup> DD. Maria Leonarda Lacerda Morgado e Irene Godinho Ferreira, e pelos Srs. Dr. Ernesto Lacerda, Deputado da Nação, Rev.º Padre José Saraiva, Pároco da freguesia, Dr. Joaquim José Fernandes, Presidente da Comissão Municipal de Assistência, Francisco Rodrigues Ferreira e o Provedor da Misericórdia, Belmiro Dias.

A família contemplada foi a do Sr. Justino Mendes Medeiros. Sua esposa teve 15 filhos, dos quais estão vivos 13.

Tanto o Sr. Presidente da Câmara, como depois o Rev.º Padre Saraiva, falaram do significado e valor da Obra das Mães no combate à desmoralização e na exaltação das virtudes da Mulher, felicitando aquele casal e apontando-o como exemplo dum lar verdadeiramente cristão.

## Subscrição da Misericórdia

Todos os dias chegam até nós as provas mais lisonjeiras do interesse e carinho com que os amigos da nossa Misericórdia acompanham a sua obra.

Em seguimento de tantas manifestações desse interesse e carinho, a que demos já a devida publicidade, apraz-nos noticiar que dois desses seus bondosos amigos, vivendo separados por milhares de quilómetros de distância — um no Porto, outro em Benguela — mas ambos sentindo, bem acesa no peito, a chama divina da caridade, contribuíram com igual e avultado donativo.

Outros dois, que já tinham concorrido com esmola generosa para a subscrição aberta em favor da compra de mobiliário e apetrechamento do novo Hospital, voltam a honrar a lista com importâncias iguais às oferecidas pela primeira vez. Gesto de transcendente significado, ele diz respeito à Sr.<sup>a</sup> Rosa da Silva e ao Sr. Tenente João Valadão.

Outro figueirense, amigo da sua terra e pronto, sempre, a acudir às necessidades alheias, o Sr. Artur Curado, quis marcar, também, posição com a sua presença benfeitora.

Finalmente, por hoje, registamos o donativo que um anónimo destinou à subscrição em curso.

Para todos, indistintamente, vão os melhores agradecimentos da Mesa da Santa Casa.

As ofertas recebidas, por ordem de entradas na Misericórdia, dizem respeito aos benfeitores:

|   |             |
|---|-------------|
| Sr. Tibério Augusto Paiva (Porto)         | 1.000\$00   |
| Sr. Agripino da Fonseca (Benguela Angola) | 1.000\$00   |
| Sr. <sup>a</sup> Rosa da Silva (Figueiró) | 100\$00     |
| Sr. Tenente João A. de Aguiar Valadão     | 500\$00     |
| Anónimo                                   | 50\$00      |
| Sr. Artur Curado (Chimpeles)              | 100\$00     |
| Soma                                      | 2.750\$00   |
| Transporte do n.º 22                      | 141.315\$00 |
| A transportar                             | 144.065\$00 |



# RUMORES DE CAMPELO... E O PÃO

Publicou «O Norte do Distrito», em seu número 22 de 25 de Novembro findo, um artigo subordinado ao título genérico de *Rumores de... Campelo*.

Como o *monopolizador* visado pelo articulista, senhor Joselcampo de Matos, é o sigatário, e porque as afirmações produzidas carecem de rectificação, aqui estamos a responder à chamada.

Para evitarmos lapsos, vamos seguindo a ordem da *acusação cerrada* contra o pão de trigo de farinha espoada que se vende em Campelo, constante do número anterior deste Jornal. Ali se diz, em primeiro lugar, que é de *péssimo fabrico e da pior qualidade*. Que «isso se verifica frequentemente» e «toda a gente fala e com razão», acrescenta-se.

Vamos devagar. Os consumidores desse pão, e meus estimados clientes, afirmam que o meu fabrico é péssimo e a qualidade do pão produzido é da pior? E toda a gente fala, e, mais do que isso, com razão?

Não percebo, então, como é que o Organismo corporativo em que me encontro inscrito, o Grémio dos Industriais de Panificação de Coimbra, o Instituto Nacional do Pão e toda a minha numerosa clientela (que não é de há dias, mas conta já 30 anos), sempre têm manifestado a opinião de que o meu fabrico é esmerado e de que a qualidade do pão é da melhor do País!

Até mesmo durante o período da última guerra mundial, em que foi preciso aceitar farinhas que nem sempre primavam pelas extracções e misturas que a lei permitia (a carência de cereais panificáveis a tal obrigava), até mesmo nessa altura, ia dizendo, o fabrico e qualidade do meu pão eram sobejamente conhecidos e altamente apreciados por todas as pessoas que passavam por Figueiró e o comiam. Como, felizmente, acontece, ainda.

Claro está que, daqui a dizer-se peremptoriamente que o pão por mim fabricado se apresenta, todos os dias, com o mesmo grau de cozedura e restantes características, vai uma enorme distância, tão grande, pelo menos, como aquela a que o articulista se colocou ao afirmar que *algum do pão, dito de trigo, é de péssimo fabrico e da pior qualidade*, em relação com a verdade nua e crua dos factos.

O fabrico é igual, todos os dias. As condições em que o mesmo se realiza é que podem diferir, de dia para dia. Diferir ligeiramente, note-se. A não ser que as farinhas empregadas e nos são fornecidas, não à nossa escolha por esta ou aquela moagem, mas, sim, pelas moagens que nos são indicadas pelo Organismo interventiente na movimentação de farinhas espoadas de trigo, possuam características tão disparas que, para a mesma forma de laboração, produzam pão de qualidades diferentes das obtidas, normalmente.

A melhor ou pior qualidade do pão andam estritamente ligadas à melhor ou pior qualidade das farinhas laboradas.

Nem outra conclusão poderá tirar-se da afirmação feita da unidade de fabrico, o que, não só é comprovado pelos operários que o laboram, como, constantemente, é fiscalizado por quem de direito.

«Muitas são as vezes em que o pão, acabadinho de chegar de Figueiró, está impróprio para o consumo.» Brada aos Céus uma afirmação deste calibre!

E brada aos Céus, porque, até hoje, em Figueiró, nunca houve uma queixa de semelhante natureza, nem foi encontrado *pão impróprio para o consumo*, pelas

Brigadas de fiscalização. Ora, como o pão vendido nesta vila é resultante da mesma massa que o de Campelo, pois esta freguesia não tem consumo para a totalidade do rendimento de «uma massa», que, assim, se reparte, sempre, por Figueiró e Campelo, e, nesta última localidade, mal o pão lá chega, já está impróprio para o consumo, ou os ares da viagem lhe alteram a composição, ou, então, os consumidores desta vila comem de tudo quanto se lhes apresente à venda! Como não cremos em nenhuma destas hipóteses, qualquer pessoa bem intencionada é levada a concluir que a afirmação feita pelo articulista é inexacta.

E, mal chega o pão, «é uma espécie de massa ou pasta de cor pardacenta, escura, carregada de humidade, cheirando a azedo e só exteriormente bem cozida.»

Este encadeado de defeitos do pão de Figueiró carece, também, de fundamento.

Vejam: como pode *cozer-se bem, mas só exteriormente*, o pão?!

Se ficar bem cozido, exteriormente, a cozedura, *interiormente*, terá de estar, pelo menos, regular. Se o articulista dissesse que, algumas vezes, o pão não se apresentava bem cozido, o que poderia provar até pela ausência de *côdea*, então bem estava. Agora, servir-se de *pão bem cozido exteriormente* para dele tirar todos os defeitos apontados é que não está bem.

A espécie de massa ou pasta, carregada de humidade, cheirando a azedo, tudo isto pertence ao reino das fantasias! Porque, se a massa estiver carregada de humidade, nem o Diabo citado nos «Rumores» será capaz de cozer o pão de forma a conseguir-lhe *côdea*!...

Explicando: mete-se, por hipótese, o pão (em massa) no forno. Enquanto não desaparecer o excesso de humidade, o pão não poderá cozer-se, nem, consequentemente, ganhar *côdea*.

Quando ao azedo do pão é coisa que a minha casa não gasta. As fermentações são *semi-directas*, utilizando um terço da farinha em fermento, no qual se empregam, exclusivamente, leveduras seleccionadas, e nas dosagens cientificamente indicadas. Assim, nunca tivemos conhecimento do cheiro a azedo do nosso pão. Só, agora, de Campelo... nos chega este rumor... do cheiro!

A cor pardacenta, escura, do pão, isso sim, pode apresentar. Tudo depende das farinhas laboradas. Ainda no verão passado, durante cerca de dois meses (entre Julho e Setembro), as farinhas que recebemos, e foram fornecidas pela Moagem de Portalegre, eram de tal qualidade que o pão de tipo corrente resultante era de cor bastante escura. Devido a esta circunstância, houve consumidores que se queixaram, sim, da cor e qualidade do pão, pois não estavam acostumados a tal. Lá que a qualidade do pão era inferior, não há dúvida alguma; mas, que a culpa não nos pertencia, é ponto assente, também. Apesar disto, nunca houve uma queixa sobre a tal espécie de massa ou pasta de cor pardacenta.

Aquelas farinhas, chamadas «fracas», a que nos referimos acima, não produzem o «levantamento» do pão. Quer dizer, a massa coze-se, mas fica baixa. Lá em pasta, ou massa, e com *côdea*, é que não.

Foi em pão destas farinhas que, no já citado verão passado, se verificou a doença chamada do «pão filante». Como não deve

ser segredo para quem me lê esta doença propaga-se, principalmente, durante o tempo quente e é devida a certas bactérias existentes nas farinhas provenientes de cereais mal lavados. O fabrico poderá ser do mais cuidado; nem, mesmo assim, os esporos daquelas bactérias poderão ser eliminados pelo calor do forno. Ao fim de dois ou três dias, o miolo do pão aparece pastoso, formando filamentos e desenvolvendo um cheiro adocicado que, pouco a pouco, se torna extremamente desagradável e repugnante.

Será a este caso, a esta doença do pão, que o articulista se quis referir?

Não sabemos. Porém, se assim é, bom seria que soubesse que o acondicionamento do pão nos estabelecimentos de Campelo e o retardamento na sua venda não me dizem respeito. No entanto, logo que tive conhecimento do sucedido, mandei inutilizar todo o pão naquelas condições e reembolsei os vendedores das importâncias respectivas. Eu, que nada tinha já com o caso, a não ser o dever de tomar providências cautelares no fabrico, não tratei assim tão mal a população de Campelo, minha cliente, como o articulista pretende fazer crer.

O chamamento da atenção dos serviços de fiscalização não deixa de ser uma referência triste e pueril. Aqueles serviços (e, quando falo em serviços de fiscalização, quero referir-me aos do Instituto Nacional do Pão, Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícola, Intendência Geral dos Abastecimentos, Grémio dos Industriais de Panificação e Guarda Nacional Republicana) sa bem muito bem quando devem exercer a sua acção. E é frequente, às tantas da madrugada, quando na padaria se encontra, apenas, o pessoal em franca laboração, receber-se a visita duma brigada daqueles Organismos. E, até às vezes, na mesma madrugada, dar-se a coincidência de sermos visitados por brigadas de dois daqueles serviços.

Não avisam quando vêm, nem por onde vêm. O certo é que, e para citar, somente, o resultado duma das últimas fiscalizações, podemos informar que uma dessas brigadas encontrou (há pouco tempo) considerável quantidade de pão cozido, dos tipos corrente e especial (os que se fornecem para Campelo) e verificou que se encontrava tão perfeito, sob todos os aspectos, que não me regateou louvores, por isso. Se for preciso, citarei o nome do Organismo a que pertence aquela brigada, o nome do seu Chefe, bem como, ainda, o do Inspector do I. N. P. que o acompanhava. Parece-me que são estas entidades as que melhor se podem pronunciar sobre o *fabrico e qualidade do pão*.

Como o arrazoado já vai longo, procuremos dar-lhe o devido remate. Este diz respeito à laboração da Padaria existente em Campelo, presentemente emcerada.

Esse encerramento não foi provocado por mim, nem por entreposta pessoa, directa ou indirectamente ligada a mim. O que se verificou, estava previsto por muita gente; o consumo de Campelo não permite a vida duma padaria.

Quando à sua abertura, aqui sim, é que, eu, indirectamente, contribuí. Porque, se, justificando o epíteto de *monopolizador* com que sou mimoseado, me tivesse oposto ao deferimento do pedido respectivo, ou, quando fui notificado a montar ali um depósito,

(Continua na 4.ª página)

# DAMOS POR FINDA A QUESTÃO...

Excluído, é claro, o jogo de Xadrez... concordamos com o «xaque-mate» do Sr. Dr. Sérgio dos Reis e, por isso, aqui damos também por terminada a controvérsia acerca das grafias, *Funtão* e *Fontão*.

Ora, precisamente porque manifestamos a intenção de fazer silêncio definitivo sobre o assunto, vamos pôr «os pontos nos ii» e só, para isso, atendemos ainda as alegorias do último artigo em que o Sr. Dr. se não esqueceu de falar em termos de correcta atitude, procedimento esse que louvamos e assinalamos com justificado e sincero apreço, ao mesmo tempo que confessamos o erro ortográfico — «dúplo» — que involuntariamente cometemos, em desfavor da transcrição que fizemos da sua prosa, e que deixámos «passar» na cópia dactilografada do original do artigo último, a que se refere o Sr. Dr. Quanto às restantes «emendas»... já sem qualquer solicitude nossa o Ilustre Redactor deste Periódico fez, dignamente, a devida e competente rectificação.

\*\*\*

Vamos agora aos «pontos nos ii». É escudados na autoridade e no saber contido nos livros de bons *Mestres*, que afirmamos que, por se não saber, ao certo, qual das grafias — *Funtão* e *Fontão* — é a verdadeira, se deve escolher delas a [mais consagrada pelo uso, visto ser princípio assente que o uso e costume faz lei e tem capital interesse, também, para a fixação dos vocabúlos.

Mesmo sem *canções de gesta*, isto é, sem *Chanson de Roland*, e sem que seja «implacável durandana», a nossa caneta, estará conosco e como nós aceitará a incerteza que subsiste, quanto às ditas grafias, quem tiver presente na memória que o português representa uma modificação especial e moderna, se pode dizer, do *latim popular* ou *vulgar*, que não é mais que o *latim pedestre, provincial, castrense*, já no final do seu momento histórico — tal como, por exemplo, o francês (*língua primogénita entre as românicas*), e o espanhol, que não são mais que degenerações do, entre essas línguas comum, *latim vulgar*, que antes de receber forma escrita se decompôs em diferentes dialectos; estará conosco, e aceitará a mesma incerteza, quem souber que o período *arcaico* da Língua Portuguesa vai desde o aparecimento dos primeiros ensaios *separatistas* (que a desviaram das origens *galiciano-francesas*), até à publicação da primeira gramática, — a de Fernão de Oliveira, em 1536, e que neste período predominou o emprego não sujeito a regras e, portanto, *arbitrário*, de *sons, formas e tipos de sintaxe* e até de *muitas grafias* provisórias e *eventuais*; e estará conosco, e aceitará a mesma incerteza, quem não tenha esquecido ainda que só no período *moderno*, também dito *clássico*, se começou a verificar a fixação de formas escritas definitivas, quer pela eliminação lenta, mas gradual, das formas *múltiplas* quer pela passagem das terminações *OM* e *AM* para *AO*, etc., mas que, apesar dos esforços desenvolvidos pelos clássicos para a fixação de um tipo linguístico constante, isso se não verificou completamente, devido ao movimento natural, espontâneo, de *agregação* e de *eliminação dos elementos gramaticais*, que produz frequentemente no português, como nas outras línguas que não atingiram o máximo ainda da sua evolução histórica, algumas alterações no vocabulário e na sintaxe, originando

não só *diferenças de linguagem*, mas até *variedades dialectais*.

Pois bem, o que acabámos de referir, e mais a nossa anterior «extensa tirada sobre a origem das línguas românicas», é a prova mais eloquente e convincente de que temos lido bem e entendido a «linguagem dos filólogos», e bem compreendemos o verdadeiro sentido das *alegorias* e referências que possam fazer-se — mesmo à proto-história da língua (séc. IX a séc. XII); e que não ignoramos que em nada se revela tanta superficialidade de espírito, como no afirmar-se que *Outrem...* não está habituado a tratar... «não está muito acostumado»... e «não entendeu»... disto ou daquilo, pois permite-se, assim, aferir, por auto-bitola, factulidades tão subjectivas, e o certo é que, no entanto, em nada se devia ser mais prudente.

Agravo trágico esse — e o de *gattu...* introduzido, à maneira de *cavala de Troia...*, no «caso» e no «ascende já ao latim popular» (!?), pois o que tem de entender-se, de saber-se, neste aspecto particular da *questão*, não é a forma como a caminhada de o... «veio, já, assim», se realiza, mas a *inarrredável realidade* — *catu e laxare* — que há nela!. Daí, o simplificado... «gatu», ter viajado, incógnito, no mesmo, *latim vulgar*. — e, talvez por isso, haver apenas «quem opine» (!), e nós acreditamos que mais que isso não haja, visto o viajante, *gatu*, ser tão pouco *achado* no dito latim, quando é certo que se sabe — e é fora de dúvida! — *que o português representa uma fase especial e moderna do latim popular!!*

Também que mesmo os «meios contributos» para a aquisição da verdade se baseiam em dados e observações científicas, cremo-lo nós da mesma forma que acreditamos nos exemplos — *catu e laxare* — sem ser pelo simples facto de os termos visto na *Gramática*, mas antes por sabermos que o *gramatleio* não é vítima da sua autoridade: antes de falar, investiga e aprofunda o estudo das coisas; sabe distinguir, nos conhecimentos, as hipóteses; adapta-se às regras, mas sabe que elas são hábitos de linguagem e não de pensamento; não deixa a presa para lhe perseguir a sombra; se falha, *não se obstina no erro*, para se não desdizer; e sabe, enfim, o que o outro ignora — *o porquê das coisas!!!*

Em vista de quanto mais aqui fica dito, certamente ninguém terá a menor dúvida de que, além de tuds o outros artigos expostos, também os exemplos que citámos, como excepções, não podem ser «arredados» e ficam no mesmo sítio e de pé. Seguros desta certeza, e parafraseando um conhecido *aforismo* psicológico, acrescentamos ainda que o indivíduo só vê... o que sabe...

\*\*\*

Retiramo-nos, no entanto, para o convívio dos livros de bons *Mestres*, a fim de, na convivência deles, continuarmos a estar, como até aqui, e quando chamados a isso, habilitados a despertar e a refrescar as *Memórias* apagadas... Perturbando-se o silêncio a que voluntariamente nos remetemos, ainda, então, *impavide progrediemur*, — avançaremos sem temor!

Lisboa, 2 de Dezembro de 1953.

José Manuel

## Caldeira de Cobre

Com arco, cerca de 80 litros, vende-se. Tratar com António Barata Lima, Troviscais, Pedró-Grande.



# Cerâmica de Figueiró dos Vinhos, L.<sup>da</sup>

Almofala de Baixo — Figueiró dos Vinhos

Telefone 29/3 (AVELAR)

FABRICAÇÃO ESMERADA

— DE —

Tijolo furado, de várias medidas, prensado e maciço

Telha: Marselha, Lusa e de Canudo

Beirados

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

# António Alves Tomaz Agria

Casa dos muitos artigos

Telefone n.º 15 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Agente dos Ferragens e drogas, óleos, tintas e vernizes.  
Louças de esmalte e de alumínio. Camas e colchoaria, lavatórios, malas, mobílias completas e móveis avulso. Vidro em chapa e em obra.



Sempre grande sortido

# Café Cardoso

DE

Manuel Carlos Cardoso Furtado

Telefone n.º 45 e Posto P. n.º 10

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O maior sortido em Vinhos do Porto, Licores e Champagne

Conservas — Chocolates — Bolachas

O único com bilhar

É CAFÉ o que se bebe no Café Cardoso.

# VEM A Figueiró dos Vinhos?

Visite o Restaurante Terranova, onde encontrará, sempre, apetitosos, petiscos, deliciosos almoços e jantares desde 5\$00 (III), diárias acessíveis, leitão assado e, aos sábados, TRIPAS A MODA DO PORTO!

Vinhos dos melhores. Não esqueça.

Restaurante Terranova  
Telef. 66

# PROPRIEDADE — VENDE-SE

QUINTA ao Ribeiro Travesseiro com 225 metros de frente para a Estrada Nacional, três grandes lameiros, quarenta oliveiras, árvores de fruto e vinha, Tratar com António Paiva. FIGUEIRÓ dos VINHOS



AGENTE E DEPOSITÁRIO

NOS CONCELHOS DE:

Figueiró dos Vinhos — Pedrógão

Grande — Castanheira de Pera

e Ansião

Cimento «LIZ»

Cal Hidráulica MARTINGANÇA

Cimento branco «CIBRA»

# Aníbal Silveira Herdade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

TELEFONE 43

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

# ÓLEOS VEEDOL

Tinta para pintar paredes MURÁGUA

Materiais sanitários e seus pertences

Tubo de ferro galvanizado, grés, fibrocimento

Ferro para cimento armado, pregaria, estafe.

Gesso - Carbonil - Tintas e vernizes

TELHA TIJOLO ADUBOS

# Joaquim Alves Tomaz Morgado

ADVOGADO

Telef. 7

Figueiró dos Vinhos

# Henrique Lacerda

ADVOGADO

Castanheira de Pera  
Telefone 60

Figueiró dos Vinhos  
Telefone 41

# Manuel Arrobo Correia

MÉDICO VETERINÁRIO

Telefone 65

Figueiró dos Vinhos

# Joaquim J. Fernandes

MÉDICO MUNICIPAL  
RAIOS X — ELECTRICIDADE MÉDICA  
CLÍNICA GERAL

Telefone 38

Figueiró dos Vinhos

# Quaresma Ferreira

Advogado

Telef. 58

Figueiró dos Vinhos

# « Quem Passa Por Figueiró Não Dispensa O Pão De Ló... »

mas os que por cá não passaram também não se dispensam de fazer os seus pedidos desta apreciada especialidade regional à FABRICA DE SANTO ANTÓNIO DOS MILAGRES.

E todos sabem que um simples postal ou telefonema para o n.º 50 da rede de FIGUEIRÓ DOS VINHOS é o bastante para imediata remessa de PÃO DE LÓ, pelo correio ou camionetas de carreira.

O GUSTAVO, em Figueiró, continua na VANGUARDA, apresentando o seu colossal sortido em tecidos de ALGODÃO, os melhores e mais variados artigos de enxoval para baptizados e casamentos, chapelaria das reputadas marcas «AGUIA», «GUERREIRO» e «JOANINO».

SEMPRE NOVIDADES

O único estabelecimento com preços FIXOS

GUSTAVO COELHO GODET  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Telef. n.º 16

# Carreira Diária de Passageiros BOLO — LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torrões Novas, Santarém e Lisboa

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.<sup>da</sup>

Sede — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Telefone 42

|                     | Cheg. | Part. |                     | Cheg. | Part. |
|---------------------|-------|-------|---------------------|-------|-------|
| BOLO                | —     | 6,00  | LISBOA              | —     | 9,00  |
| Castanheira de Pera | 6,10  | 6,15  | Sacavém             | 9,25  | 9,25  |
| Figueiró dos Vinhos | 6,55  | 7,05  | Vila Franca de Xira | 10,05 | 10,10 |
| Pontão              | 7,40  | 7,45  | Carregado           | 10,25 | 10,26 |
| Cabaços             | 8,10  | 8,15  | Azambuja            | 10,45 | 10,45 |
| Tomar               | 9,05  | 9,20  | Cartaxo             | 11,10 | 11,15 |
| Entroncamento       | 10,00 | 10,05 | Santarém            | 11,45 | 12,05 |
| Torrões Novas       | 10,20 | 10,25 | Pernes              | 12,45 | 12,45 |
| Pernes              | 11,00 | 11,00 | Torrões Novas       | 13,20 | 13,25 |
| Santarém            | 11,40 | 12,00 | Entroncamento       | 13,40 | 13,40 |
| Cartaxo             | 12,30 | 12,35 | Tomar               | 14,20 | 14,30 |
| Azambuja            | 13,00 | 13,00 | Cabaços             | 15,20 | 15,25 |
| Carregado           | 13,20 | 13,20 | Pontão              | 15,50 | 15,55 |
| Vila Franca de Xira | 13,35 | 13,40 | Figueiró dos Vinhos | 16,30 | 16,40 |
| Sacavém             | 14,20 | 14,20 | Castanheira de Pera | 17,20 | 17,25 |
| LISBOA              | 14,45 | —     | BOLO                | 17,35 | —     |

# CARREIRA ENTRE BOLO E COENTRAL

|          | Cheg. | Part. |          | Cheg. | Part. |
|----------|-------|-------|----------|-------|-------|
| Coentral | —     | 5,40  | Coentral | —     | 17,50 |
| Bolo     | 5,55  | —     | Bolo     | 18,05 | —     |

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

# CARREIRA ENTRE CAMPELO E FIGUEIRÓ DOS VINHOS

|                     | Cheg. | Part. |                     | Cheg. | Part. |
|---------------------|-------|-------|---------------------|-------|-------|
| Campelo             | —     | 5,40  | Figueiró dos Vinhos | —     | 17,00 |
| Fontão Fundeiro     | 5,48  | 5,49  | Barraca da B. Vista | 17,14 | 17,15 |
| Aldeia Fundeira     | 5,53  | 5,54  | Várzeas             | 17,19 | 17,20 |
| Vilas de Pedro      | 5,58  | 5,59  | Vila Facaia         | 17,24 | 17,26 |
| Alto da Alagoa      | 6,08  | 6,08  | Moleiros            | 17,28 | 17,29 |
| Moleiros            | 6,12  | 6,14  | Alto da Alagoa      | 17,32 | 17,32 |
| Vila Facaia         | 6,11  | 6,16  | Vilas de Pedro      | 17,41 | 17,42 |
| Várzeas             | 6,20  | 6,21  | Aldeia Fundeira     | 17,46 | 17,47 |
| Barraca da B. Vista | 6,25  | 6,26  | Fontão Fundeiro     | 17,51 | 17,52 |
| Figueiró dos Vinhos | 6,40  | —     | Campelo             | 18,00 | —     |

Efectuam-se às 4.ª feiras e sábados

Estacionamentos | Campelo — Largo da Igreja  
F. dos Vinhos — R. Dr. Manuel S. Barreiros  
Garagem em Lisboa - Auto Lis - Rua da Palma N.º 263 Tel. 21363

É sempre bem servido quem entrega o seu carro aos cuidados da

# Auto-Mecânica de Figueiró dos Vinhos, L.<sup>da</sup>

Rua Major Noutal de Abreu (ao Barreiro)  
Telefone n.º 57

Porque, além de dispor de instalações modelares e modernos maquinismos, possui pessoal habilitado para todas as reparações.

PNEUS DUNLOP, FIRESTONE E MICHELIN  
Estação de Serviço «VACUUM» Gasolina e Óleos



## O Hotel Terrabela

## honra Figueiró!

Porque dispensa o mais ligeiro comentário, limitamo-nos a transcrever a seguinte carta, recebida pela gerência do «Hotel Terrabela»:

«Coimbra, 19 de Novembro de 1953.

Terrabela-Hotel  
Figueiró dos Vinhos  
Ex.<sup>mo</sup> Sr. Gerente

O Sr. Capitão Júlio Duarte Ferreira, Comandante de «A Patrulha 11 de Novembro», encarga-me de apresentar a V. S.<sup>a</sup> os seus agradecimentos muito sinceros, em face do bom acolhimento que tivemos no «Terrabela-Hotel», de Figueiró, e do esmerado serviço que nos foi presente no almoço que a nossa Patrulha aí realizou no último domingo, que a todos satisfez plenamente, merecendo os mais lisongeiros encômios.

É sempre grato ao nosso espírito de provincianos tomar contacto com iniciativas particulares que nos revelam uma acentuada faceta de progresso bairrista, que, muito e muito, valorizam uma localidade; está neste caso a realidade do «Terrabela-Hotel», de Figueiró dos Vinhos, de que os seus criadores se podem orgulhar.

No que respeita à missão de que estou investido — Provisor e animador das reuniões de «A Patrulha 11 de Novembro» — também me sinto satisfeito e compensado, quer pela escolha da terra que já era meu desejo visitar há dois anos, como do repasto que tive ensejo de proporcionar aos meus camaradas e amigos.

Com os protestos da nossa melhor estima, receba V. S.<sup>a</sup> as nossas saudações, com desejos de muitas prosperidades para o «Terrabela-Hotel» — estabelecimento hoteleiro que honra, sobremaneira, a pitoresca e hospitaleira vila de Figueiró dos Vinhos.

Reiterando, pois, os nossos agradecimentos, subscrevo-me com toda a estima e consideração.  
De V. S.<sup>a</sup>

Atento e agradecido  
(Assinatura ilegível)

## PELAS FREGUESIAS

## AGUDA

## Queda fatal

Quando, no dia 19 do mês passado, no lugar de Abrunheira, procedia à apanha de azeitoma, caiu do cimo de uma oliveira o Sr. Manuel Quaresma Sardinha, que teve morte imediata.

Deixa viúva a Sr.<sup>a</sup> Maria José Boavida e era pai dos Srs. Adelino, Jaime e Mário Quaresma Boavida. Era cunhado do nosso querido amigo e estimado e assinante, Sr. Manuel Lopes Boavida, de Almofala de Baixo.

O funeral realizou-se no dia imediato para o cemitério de Aguda e foi muito concorrido, pois o inditoso trabalhador era muito estimado nesta região.

As nossas condolências à família enlutada.

C.

## Ruben João Cardoso Furtado

Acompanhado por sua esposa, deslocou-se, no dia 6 do corrente, a Lisboa, este nosso prezado amigo, distinto funcionário superior da Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nesta vila.

## BAPTIZADO

No dia 8 do corrente, realizou-se o baptizado do menino José Aníbal Herdade Barreiros, filho muito querido da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Emília Costa Quaresma Herdade Mendes Barreiros e do Sr. José Mendes Barreiros, considerado armazenista de lanifícios nesta vila, e nosso prezado amigo.

O neófito foi apadrinhado por seus tios, Sr.<sup>s</sup> D. Aida Mendes Barreiros Cânova e seu marido o Sr. Emídio, Augusto Figueiredo Cânova.

Foi celebrante o Rev.<sup>o</sup> Padre Saraiva e o acto efectuou-se na Igreja Matriz.

Os nossos parabéns aos pais e avós do pequeno José Aníbal, a quem auguramos as maiores felicidades.

## Osório da Silva

Este nosso prezado amigo e conterrâneo embarcou para Angola, com destino a Golungo Alto, onde possui grandes propriedades, no dia 10 do mês passado.

Antes de o fazer, esteve na nossa Redacção, como noutro lugar dizemos, onde procedeu ao pagamento da sua assinatura e teve a gentileza de nos apresentar as suas despedidas. Renovamos o nosso agradecimento e fazemos votos pela sua saúde e prosperidade.

## João Simões Rodrigues

Encontra-se em gozo de licença graciosa o nosso conterrâneo e estimado amigo, Sr. João Simões Rodrigues, competente Aspirante de Finanças na Secção deste concelho.

## Capela de Nossa Senhora da Penha de França de Aldeia de Ana de Avis

Da Comissão de Melhoramentos do vizinho lugar de Aldeia de Ana de Avis recebemos, com pedido de publicação, uma lista de donativos augurados em São Paulo, Brasil, pelo Sr. Manuel Simões Herdade, e destinados à reconstrução da Capela da sua terra.

Gostosamente nos fazemos eco da iniciativa daquele figueiroense, que contribuiu com o importante donativo de 500 cruzeiros e conseguiu reunir entre os seus amigos mais 2,870 cruzeiros, assim obtidos:

200 do Sr. Augusto Simões Ferreira, de Aldeia de Ana de Avis; 150 do Sr. António da Silva Quaresma, de Aldeia da Cruz; 100 de cada um dos Srs. Orlando Herdade Paquete, Emília da Conceição Herdade, Alvaro Simões Ferreira, Manuel Simões Ferreira, Raul Simões Quaresma, Manuel da Silva Cipriano, José Mendes Coelho, Albertina Mendes e filhas, todos de Aldeia de Ana de Avis; Amílcar, António, José e Manuel Simões Ladeira, António Fernandes e Aníbal da Silva Quaresma, todos de Aldeia da Cruz; António da Silva Assunção, de Figueiró dos Vinhos; Mateus e Raul Ascensão Silveira, de Chimpeles; António Dadalto, Arlindo Simões Ferreira e Augusto Lopes Agra, todos de S. Paulo; Manuel dos Santos Pinheiro, de Murça; 50 de cada um dos Srs. Manuel da Silva Miguel, de Casal Velho, Alfredo Mendes Vide e José Mendes (Aivogada), de Aldeia de Ana de Avis; Egidio de Sousa Vasques, de S. Paulo, José Maria Curado Dias, de Ribeira de S. Pedro e António da Silva Agra, de Bairaão; e 20 cruzeiros da Sr.<sup>a</sup> Ana da Conceição, de Aldeia de Ana de Avis.

## Rumores de Campelo... e o pão

(Continuação da 2.<sup>a</sup> página)

para que não fosse permitida a abertura daquela Padaria, eu tivesse procedido à instalação a que tinha direito, a petição apresentada seria indeferida, nos termos da lei vigente. Por aqui se vê quanto contribui para o tal «monopólio de facto»!

Monopólio este que, a meu ver, (se existisse) seria de direito. Pois, não é verdade que o abastecimento de Campelo foi feito, durante cerca de seis meses, simultaneamente, por mim e pela Padaria agora encerrada?

Pratiquei eu, porventura, qualquer acto de deslealdade, ou concorri, por qualquer forma, para obstar à sua normal laboração?

Não seria mais natural que os Campelenses procurassem ajudar a consolidar a padaria da sua terra, dando-lhe a preferência?

Por que, ao invés, essa preferência me foi dada?

É que eu já abastecia Campelo há perto de trinta anos. Durante todo esse tempo, faltei, apenas, no período da última guerra mundial, em virtude do racionamento. A qualidade do meu pão era conhecida e apreciada.

Tudo me leva a crer, portanto, que os consumidores, confrontando as qualidades, tenham optado pelo meu fabrico. O mesmo concluo a respeito do pão fornecido a Campelo por outros industriais de panificação, ainda há pouco tempo; a clientela não os preferiu e viram-se obrigados a desistir da venda naquela região.

Não seria assim? — Suponho que sim.

Esta a razão que me leva a dizer que o meu monopólio (se existisse) seria de direito!

... O direito alcançado na concorrência a que me refiro!

Pois bem; agora, para não faltar mais nada, querem ligar-me à vida daquela instalação industrial. Terei, também, culpa de me andarem a oferecer cotas da sociedade, para esse efeito?

Que o responda quem souber.

Julgo ter dado à clientela que abasteco, da qual conservo as maiores provas de amizade e consideração e pela qual sinto, igualmente, o maior respeito e a mais alta consideração, as explicações suficientes para desfazer esses «rumores de... do Sr. José Campelo de Matos». Era esse o meu propósito.

Ao articulista deixo, também, os elementos precisos para ajuizar da inconsistência dessa acusação cerrada que me fez.

Espero que, de futuro, pondere um pouco mais, antes de fazer publicar os seus rumores.

Não é justo, nem é bonito, vir atacar, assim, uma pessoa que, honestamente, e lutando com grandes dificuldades, anda a procurar ganhar o seu pão de cada dia. É certo que à custa do pão que outros hão-de comer; mas, em resultado dum trabalho de fabrico em que põe o melhor das suas boas intenções e conhecimentos técnicos,

Figueiró dos Vinhos.

Higino Gonçalves de Mesquita

## Barbearia Simões

Arte e higiene

R. Dr. António José de Almeida

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Aquela Comissão infernal, ainda, que toda a correspondência relativa à reconstrução da Capela, ou donativos para o mesmo fim, lhe devem ser enviados.



## Aires Henriques

## AGRADECIMENTO

Sua família, profundamente magoada por — na verdade — lhe ser difícil fazê-lo pessoalmente, e por desconhecimento de moradas, serve-se deste meio para testemunhar a sua gratidão a todos quantos a acompanharam na triste fatalidade que a atingiu e ainda aos que, por cartas, telegramas e cartões, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do seu tão querido Aires, ocorrido em 23 de Outubro último.

É muito do seu desejo englobar neste público agradecimento as pessoas que, durante o seu prolongado sofrimento, a distinguiram com a sua presença, e, especialmente, os distintos médicos que o trataram, cuja dedicação e carinho pelo seu doente, dificilmente, poderão ser excedidos.

Aos que acompanharam o funeral em Lisboa e Pedrógão Grande, e aos que, de igual modo, se associaram à sua dor, a todos, sem excepção, o seu muito obrigado.

Obrigado.

Pedrógão Grande, Dezembro de 1953.

## FALECIMENTO

Faleceu nesta vila, no dia 6 do corrente, o Sr. Manuel Mendes Lima, casado, de 73 anos de idade, e que se encontrava doente há já bastante tempo.

Deixou as maiores saudades, pois impunha-se à consideração de todos com que privava, pelo seu porte. Foi sempre muito trabalhador e honesto.

Deixa viúva a Sr.<sup>a</sup> D. Arminda Castela Lima.

A toda a numerosa família enlutada, em especial aos seus filhos, Srs. João Dias Lima e Fernando Castela Lima, este último ausente em África, e nossos estimados amigos, apresentamos sentidas condolências.

## COBRANÇA DE ASSINATURAS

No desejo de facilitar o pagamento das assinaturas do nosso jornal a todos os prezados assinantes do concelho de Pedrógão Grande, informamos que os seus recibos estão em poder do Sr. José Pires David Andrade, na Farmácia Baeta Rebelo, onde poderão ser pagos até ao fim do mês corrente.

Com o mesmo fim, os recibos respeitantes à freguesia de Aguda estão a cargo do Sr. António Jorge Pais, em Almofala de Baixo.

A todos os outros estimados assinantes pedimos a fineza de nos enviarem as importâncias das suas assinaturas, evitando-nos despesas de cobrança pelo correio, que, como é do conhecimento geral, absorvem parte considerável das mesmas, ou procederem ao seu pagamento na nossa Redacção (Avenida Padre Diogo de Vasconcelos), das 11 às 13 horas de qualquer dia útil, até ao fim do mês em curso.

Antecipadamente agradecemos.

## Pela REDACÇÃO

Deram nos o prazer da visita à nossa Redacção, onde efectuaram o pagamento das suas assinaturas, os nossos prezados amigos, Srs.:

António Coelho David, de Alagoa; Joaquim Maria Canelhas, de Jarda; Alberto e Joaquim Henriques Varandas, de Lisboa; José da Conceição Napoleão, D. Júlia Feitor da Glória, Baltasar Simões, Sebastião Mendes Medeiros, Joaquim dos Santos d' Oliveira, João dos Santos Abreu, João de Carvalho, José Quaresma de Abreu Avelar, Gualdino dos Santos Crisóstomo, Francisco de Almeida, Silvino Baptista dos Santos, Manuel dos Santos Lopes, António da Conceição Quaresma, Casimiro Assunção Simões, Prof. António Antunes Amaro e Manuel Simões Fidalgo, todos de Figueiró dos Vinhos.

Joaquim Antunes, de Vendas de Maria; Joaquim A. Ferraz Junior, de Corisco; António Simões da Silva, de Aguda; Augusto Antunes, de Vilas de Pedro; Carlos dos Santos e Manuel dos Santos Abrunheira, de Fato; José da Silva Novo, de Fontão Fumdeiro; Alfredo Henriques David, de Torgal; Adelino da Silva Simões, de Brejo; Domingos Simões Braz, de Braçais; José Araújo, de Chavelho; Adelino Nunes Alves, Joaquim Marques Paiva e José Caetano Junior, de Mosteiro; Manuel Joaquim Inácio, de Arega; José Antunes da Conceição e Isidoro Luís Coelho, de Covais; João Duarte Silva e José da Silva Telhada, de Aldeia de Ana de Avis; e José da Silva, de Mocha, Figueiró.

A todos estes prezados assinantes e amigos que regularizaram as suas assinaturas apresentamos os nossos agradecimentos.

## DOENTES

Foi operada, de urgência, em Coimbra, a Sr.<sup>a</sup> D. Ana Barreto Napoleão, esposa do nosso amigo e assinante, Sr. José da Conceição Napoleão, considerado comerciante nesta vila.

A intervenção foi coroada de êxito.

Desejamos à doente uma breve convalescença e o rápido regresso ao convívio dos seus.

## EDITAL

Francisco Mateus Mendes, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que João Simões Baião pretende licença para instalar um lagar de azeite, incluído na 2.<sup>a</sup> classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio e inquinação das águas, sito na Foz de Alge, freguesia de Arega, concelho de Figueiró dos Vinhos, distrito de Leiria, confrontando ao Norte, Sul, Nascente e Poente com o requerente.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamação, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo N.<sup>o</sup> 17826, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira N.<sup>o</sup> 111.

Coimbra e Secretaria da 2.<sup>a</sup> Circunscrição Industrial, em 2 de Dezembro de 1953.

Pel' ENGENHEIRO CHEFE DA CIRCUNSCRIÇÃO

(a) Joaquim Neto Murta